

O JOGO DRAMÁTICO NA PREVENÇÃO DO *BULLYING* – ALGUMAS EXPERIÊNCIAS DE INTERVENÇÃO DA APAV

Natália Cardoso

Escola Superior de Educação de Coimbra do Instituto Politécnico de Coimbra
Gestora do Gabinete de Apoio à Vítima de Coimbra
apav.coimbra@apav.pt
natjoao@gmail.com

Resumo

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), como organização que apoia vítimas de crime, promove também projectos e acções de sensibilização, com vista à prevenção dos riscos de vitimização e atenuação dos seus efeitos, dando uma particular atenção aos crimes sobre as pessoas (violência doméstica, maus tratos a crianças e idosos, abuso sexual, ofensas à integridade física).

Há já alguns anos que o fenómeno da violência na escola, e em particular o *bullying*, nos preocupa, sendo cada vez mais frequente a nossa colaboração neste contexto, no sentido de assegurarmos dinâmicas de intervenção que versam esta temática.

Tendo em conta a bibliografia produzida sobre o tema e a nossa experiência na realização de acções de sensibilização em escolas, acreditamos que a prevenção do *bullying*, em contexto escolar, através do treino de competências, poderá diminuir a prevalência de comportamentos de risco, na idade adulta, nomeadamente nas relações interpessoais e de intimidade.

Este artigo identificará algumas das experiências da APAV na dinamização de acções de sensibilização e prevenção do *bullying* em escolas, com um enfoque específico na prevenção através do jogo dramático.

Palavras-chave: APAV; *Bullying*; Prevenção; Jogo dramático; Teatro fórum; Competências sociais; Escolas.



Abstract

The Portuguese Association for Victim Support (APAV), as an organization that supports victims of crime, also promotes projects and raises awareness in order to avoid the risk of victimization and diminish its effects, giving particular attention to crimes against persons (domestic violence, child abuse and elderly abuse, physical injuries).

Our concern about the phenomenon of school violence, particularly bullying, has increased in the last few years and the work that we developed in this context is especially frequent in order to ensure a dynamic intervention.

Bearing in mind the known bibliography on the subject and also our experience in carrying out awareness raising campaigns in schools, we believe that the prevention of bullying in schools, through the training of skills, may reduce the prevalence of risk behaviors in adulthood, particularly in interpersonal and intimacy relationships.

This article will identify some of APAV's experiences in leading awareness and prevention sessions of bullying in schools, with a specific focus on prevention through dramatic play.

Keywords: APAV; Bullying; Prevention; Dramatic play; Forum theatre; Social skills; Schools.

Introdução

“Como as guerras começam na mente dos homens, é na mente dos homens que a defesa da paz deve ser construída”. (Constituição da UNESCO, 1945)

Toda a violência se caracteriza pelo abuso de poder, seja de um ou mais indivíduos sobre outro ou outros, seja de um conjunto organizado de indivíduos (constituídos em comunidades, países) sobre outro conjunto organizado de indivíduos (originando as guerras).

A violência esteve e está sempre presente no dia-a-dia dos seres humanos; mas,



talvez, nunca, como nos dias de hoje, tenhamos sido capazes de estar tão conscientes da violência no quotidiano e das suas consequências, de perceber como esta é sublimada e potenciada, através da sua permanência nos meios de comunicação social e de entretenimento (Internet, cinema, TV, jogos, etc).

Num sistema complexo de acções e reacções em que vivemos, onde tudo se inter-relaciona, compete-nos reflectir sobre o nosso papel de cidadãos, sobre como poderemos agir de forma diferente e criativa, perante um cenário que nos parece empurrar para responder à violência, com (ainda) mais violência. A prevenção da violência, atacando a sua raiz desde cedo, promovendo uma cultura de paz e não-violência, parece-nos ser uma acção tão importante como necessária.

Caracterização e Consequências do Bullying

O *bullying* é, hoje em dia, um tipo de violência muito comum nas escolas. Pode ser definido como “o abuso de poder directo e vitimação (persistente e prolongada no tempo) de um aluno ou de um grupo de alunos sobre outro aluno, mais vulnerável (mais novo, mais fraco, menos auto-confiante) e que assume o papel de vítima.” (Amado, 2005, p.310). Distingue-se da agressão reactiva, praticada em resposta a uma provocação social (Dodge & Coie, 1987, citado em Formosinho & Simões, 2001).

As primeiras pesquisas sobre o fenómeno do *bullying* surgiram nos anos 70, nos países escandinavos, salientando-se as pesquisas de Olweus, que, para além da análise do comportamento, fornecem instrumentos para o seu diagnóstico (Formosinho & Simões, 2001).

A agressão caracteriza-se pela intencionalidade de magoar alguém, de forma explícita e directa, implicando violência física, roubo, destruição de pertences e insultos, mas também pode assumir formas mais subtis, que vão da maledicência até à rejeição social ou ao ostracismo (Bjorkvist, Lagerspetz & Kaukiainenm 1992; Crick & Grotpeter, 1995; Wolke & Stanford, 1999; citados em Formosinho & Simões, 2001).

Segundo João Amado (2005), que classifica os actos de violência contra os pares em jogo rude, comportamento associal e pequena violência, *bullying* e, por fim, o acto delinquento, as consequências mais graves dos actos de violência dos alunos contra os pares começam a manifestar-se a partir do nível do *bullying*.



O *bullying* é referido como estando na base de depressões e dificuldades de inserção social futuras da vítima, quando adulta, bem como parece existir uma maior incidência de delinquência nos jovens com historial de *bullying* na escola (Amado, 2005).

Podem ser identificadas várias consequências do *bullying* nas crianças vítimas, quer ao nível da saúde, com sintomas físicos (dores de cabeça, garganta, barriga) e psicossomáticos (irritabilidade, nervosismo, cansaço, falta de apetite, insónias) quer ao nível do bem-estar psicológico, através de sentimentos de solidão, tristeza, infelicidade, baixo auto-conceito, elevados níveis de depressão, ansiedade e maior risco de suicídio.

Verifica-se que as crianças e jovens vítimas de *bullying* são, por norma, mais isoladas socialmente, passam muito tempo sozinhas na escola, têm baixos níveis de popularidade e dificuldade em fazer amigos e, conseqüentemente, podem desenvolver elevados níveis de evitamento à escola e sentimentos de insegurança (Seixas, 2005; Pereira, 2002; Ramirez, 2001).

Num estudo levado a cabo por Beatriz Pereira et al (2004), relativamente ao *bullying* nas escolas portuguesas, verificou-se um nível elevado de registos de vítimas, com cerca de 20% das crianças referindo que tinham sido vítimas, pelo menos 3 vezes, no ano em que decorreu o estudo, no mesmo sentido, cerca de 16% das crianças admitiu ter agredido outros, pelo menos 3 vezes, durante o mesmo ano.

Apesar dos factores de risco não serem uma inevitabilidade (Smith & Sharp, citado em Almeida, 1995), a falta de competências sociais e de assertividade das crianças vítimas pode ser superada através do treino de competências assertivas, capacitando-as para lidar melhor com as situações de agressão, directa ou indirecta. (Smith, 1991, citado em Almeida, 1995).

Segundo Formosinho e Simões (2001), as medidas de combate ao *bullying* devem também incluir a redefinição da política organizacional da escola, enunciando “regras democráticas e normas explícitas, que consagrem o princípio do respeito pelos direitos de cada indivíduo” (p. 75).



Intervenções Preventivas do *Bullying*: As Possibilidades do Jogo Dramático

A adoção de uma cultura de paz e não-violência não se limita à prevenção dos conflitos entre povos. De acordo com a Organização das Nações Unidas, na Declaração e Programa de Acção para uma Cultura de Paz, esta é definida por “um conjunto de valores, atitudes, comportamentos e formas de vida, que rejeitam a violência e previnem os conflitos, através do confronto das suas causas, na raiz, para resolver os problemas, através do diálogo e negociação entre indivíduos, grupos e nações” (Unesco, 1998; Unesco, 1999).

A prevenção através da educação para uma cultura de paz e não-violência significa, antes de mais, “mediar, criar pontes que tentem evitar o aparecimento de problemas e dificuldades, através da sua prévia identificação e da rápida intervenção, ensinando capacidades e competências aos alunos, no sentido de melhorar as suas relações interpessoais.” (González-Pérez & Pozo, 2007, p. 7).

Considerando que a violência também é um comportamento aprendido, então acreditamos que também pode ser desaprendido (School-based Violence Prevention Programs, s.d.) e, neste sentido, a escola apresenta-se como um campo de trabalho privilegiado para os programas de prevenção, onde as aprendizagens de respeito pelo outro, assertividade, resolução pacífica de conflitos, as estratégias de auto-controlo emocional, resistência à frustração e pressão dos pares e a consciencialização sobre a igualdade de género podem ser não só aprendidas, mas também experimentadas e solidificadas, através do diálogo e confronto de ideias, do treino de competências e da observação participante, permitindo que os indivíduos possam escolher alternativas não violentas.

A literatura indica que a melhoria do clima escolar, o desenvolvimento da auto-estima e programas de alfabetização/literacia emocional, bem como o ensino de estratégias de resolução de conflitos são âmbitos de intervenção a ter em conta em qualquer programa de prevenção ou educação para a não-violência, em contexto escolar (González-Pérez & Pozo, 2007).

É neste sentido que o jogo dramático e o teatro nos aparecem como uma importante ferramenta educativa a explorar, nomeadamente quando se pretende não só consciencializar para um determinado padrão de comportamentos, mas também



promover a alteração desse padrão, através do treino que o jogo propicia e potencia.

Segundo Richard Courtney (1980), a imaginação, como aspecto distintivo dos seres humanos, caracteriza-se, também, por ser essencialmente dramática, sendo que a capacidade para imaginar se inicia logo no primeiro ano de idade, quando a criança desenvolve o humor e faz as primeiras brincadeiras de “faz-de-conta”. Esta identificação com o outro, através da imitação, é a qualidade básica do processo dramático e permite-nos, em adultos, saber como nos colocar no lugar do outro e imaginar as possibilidades inerentes a essa situação, desenvolvendo-se, assim, o processo de empatia, fundamental para alicerçar todas as relações humanas.

Através dos jogos dramáticos, a criança e o adolescente adquirem o domínio da comunicação com o outro: habitua-se a ver e a serem vistos, a ouvir e a responder, a compreender e a serem compreendido e alcançam uma relação com a realidade e com os outros (Courtney, 1980).

Também, neste sentido, Ingrid Koudela (1984) resume que “aprender por meio da experiência significa o estabelecimento de um relacionamento entre o antes e o depois, entre aquilo que fizemos com as coisas e aquilo que sofremos como consequência. Fazer torna-se experimentar” (p. 31).

As experiências de educação através do teatro são tão antigas como o próprio teatro, mas, contemporaneamente, podemos afirmar que o teatro como ferramenta de intervenção social, surge, ou começa a ser mais amplamente usado, no início do Séc. XX. O teatro e a arte na educação foram claramente defendidos pelos pedagogos da Escola Nova. Experiências de teatro popular e comunitário são também desenvolvidas nos Estados Unidos, nomeadamente nos anos 50 e 60, mas é principalmente na América Latina, no Brasil, com o Teatro do Oprimido, criado por Augusto Boal, que o teatro como ferramenta de intervenção, consciencialização social e meio para o desenvolvimento cultural de uma determinada comunidade, ganha força e se multiplica por todo o mundo.

Augusto Boal (Rio de Janeiro 1931 – 2009), seguidor de Paulo Freire, que propunha uma pedagogia elaborada *pelos* oprimidos e não *para* os oprimidos, cria, na década de 1960, o Teatro do Oprimido, uma prática teatral revolucionária, que, como modelo e prática cénico-pedagógica, se destina à mobilização do público e comporta características de militância política. Deste modo, chega às formas de “Teatro Invisível” e “Teatro Fórum”,



onde uma cena curta que contém uma situação de opressão é apresentada para, de seguida, o actor que desempenha o papel de “oprimido” ser substituído por um voluntário do público, o qual, através de improvisação, vai contribuir com soluções válidas, que contornem ou destruam a força opressora.

Depois do seu exílio na Europa, Boal verificou que, nos países europeus, a opressão é mais subtil, pelo que desenvolveu o “Teatro Imagem” e o modelo do “Arco-Íris do Desejo”, onde se focam os aspectos mais subjectivos e interpessoais da sociedade, como os preconceitos raciais, a opressão e violência de género, etc.

No *workshop* tradicional do Teatro do Oprimido (T.O.) podemos observar três tipos de actividade: 1) informação de base sobre o T.O. e exercícios de “aquecimento” orientados pelo facilitador (*curinga*); 2) jogos, normalmente interacções físicas, criadas para desafiar o participante a tornar-se mais activamente envolvido com os outros e a desenvolver relações de confiança, numa atmosfera lúdica; 3) exercícios estruturados formulados de acordo com uma área particular do T.O., como o “Teatro Imagem” ou “Teatro Fórum”. A partir daqui, o participante é convidado a imaginar novas possibilidades e soluções, participando activamente nelas (Boal, 2005).

De acordo com pesquisas realizadas, nomeadamente através da Internet, foi possível identificar vários projectos de prevenção da violência dirigidos a um público jovem, usando o teatro e a arte como instrumentos pedagógicos, em países como os Estados Unidos, Canadá, Austrália, Reino Unido, Brasil, entre outros.

Destacamos a investigação desenvolvida na Austrália por John O’Toole e Bruce Burton (2002), promovida pela *Griffith University*, em Brisbane e pela IDEA (*International Drama/Theatre and Education Association*). Os autores, ao longo de vários anos, promoveram, em diversas escolas secundárias, rurais e urbanas, da Austrália, um programa que combina as técnicas do teatro e da educação de pares, envolvendo toda a escola, com o objectivo de ajudar os alunos a explorar as causas do conflito e a desenvolver estratégias para a prevenção e mediação de conflitos em meio escolar.

As intervenções preventivas baseadas nas artes são associadas a vários resultados pró-sociais, tais como: o aumento do bem-estar social, o aumento da motivação e aprendizagem, o alargamento do desenvolvimento individual e comunitário e a redução da agressão, violência e crime (MacArthur & Law, 1996, citado em Kisiel et al., 2006).



Ainda neste estudo, os autores notam que, de acordo com investigações sobre educação experimental, as técnicas baseadas no teatro representam um método de ensino alternativo, que integra várias modalidades para a aprendizagem, permitindo a aquisição de conhecimentos e competências, bem como oportunidades para as praticar e aplicar e ampliar a informação aprendida. (Helmeke & Pronty, 2001; Kevelighar, Duffy & Walker, 1998; citado em Kisiel et al., 2006).

A Experiência da APAV: Acções de Sensibilização e Prevenção

A APAV tem vindo a introduzir a prevenção de comportamentos de risco nas suas actividades regulares, através das inúmeras acções de sensibilização que se desenvolvem em escolas, a pedido de alunos ou professores, a partir das temáticas da violência doméstica, violência no namoro, violência escolar, maus tratos a crianças e jovens.

No Gabinete de Apoio à Vítima de Coimbra (GAV-Coimbra), temos dado, nos últimos anos, uma particular atenção à prevenção do *bullying*. A nossa colaboração com as escolas em acções de sensibilização deu-nos ânimo para levar a cabo pequenos projectos de prevenção, inseridos nos estágios académicos de alunos de Ciências da Educação, Educação, Serviço Social e Psicologia.

Estes projectos foram desenvolvidos tendo em conta a necessidade de sensibilizar e falar com os jovens sobre estas temáticas. Pretendeu-se, desta forma, iniciar uma intervenção preventiva que tivesse como ponto de partida o treino de competências pessoais, sociais, emocionais e relacionais. Entre 2003 e 2008, decorreram cinco projectos de estágio com intervenção em contexto escolar, tendo sido abordados os temas dos maus-tratos infantis, violência escolar e *bullying* e, ainda, um projecto de intervenção da comunidade universitária sobre a violência no namoro (cf. Centro de Documentação e Informação da APAV).

A experiência adquirida com estes projectos desenvolvidos pelos alunos estagiários e o feedback positivo que encontrámos nas escolas, quer com os alunos, quer com os outros profissionais (professores, psicólogos), entusiasmou-nos e incutiu-nos o desejo de pôr em acção projectos mais ambiciosos e duradouros, que, no entanto, carecem de uma dedicação maior do que a disponibilizada pelos estagiários e, por conseguinte, de



recursos humanos e materiais apenas alcançáveis com financiamento adequado.

Paralelamente a estes projectos, experimentámos introduzir o jogo dramático e algumas estratégias do Teatro do Oprimido nas metodologias usadas para a dinamização das acções de sensibilização/ prevenção solicitadas pelas escolas. Assim, em 2008, a pedido da Associação Amato Lusitano – Associação de Desenvolvimento de Castelo Branco, no âmbito do *Projecto Semear para (es)colher* – Progride II, fomos convidados a desenvolver uma série de acções de prevenção do *bullying* e da violência no namoro, tendo o teatro social como ferramenta privilegiada. Tivemos, desta forma, oportunidade de experimentar o que, teoricamente e do contacto com outros projectos, nacionais e internacionais, sabíamos dar resultados. Foram desenvolvidas 7 Acções de sensibilização/prevenção, 5 sobre o *bullying*, uma dirigida à prevenção de dependências e outra sobre a violência no namoro. Cada acção teve a duração de 90 minutos e foi dinamizada com jovens do 7º ao 12º ano de escolaridade e, ainda, com um grupo de jovens de um lar de acolhimento.

A estrutura base desta acção de sensibilização/prevenção incluiu: 1) jogos de activação corporal; 2) debate acerca da problemática (*bullying* ou violência no namoro) a partir de vinhetas de banda desenhada e notícias de jornais; 3) “teatro imagem”: a partir de ideias chave surgidas do debate (v.g características da vítima e ofensor, tipologia das agressões), é proposto aos alunos que criem, com os seus corpos, uma imagem, em estátua, que represente uma situação de agressão; discutem-se, depois, alternativas de resolução do conflito, que podem ou não incluir a intervenção de terceiros; propõem-se novas imagens partindo das alternativas geradas em discussão, bem como a criação de imagens de transição entre a situação de conflito e a resolução desejada; 4) discute-se a viabilidade das soluções encontradas e procuram-se novas ideias.

O objectivo deste tipo de acção é consciencializar os alunos para as problemáticas, ajudá-los a pensar activamente em alternativas viáveis de resolução dos conflitos de forma não violenta e não tanto apresentar uma única possibilidade de resolver o conflito.

Esta experiência constituiu, para nós, o primeiro teste deste modelo de acção de sensibilização e a recepção bastante positiva, por parte da maioria dos alunos, incentivou-nos a usar esta metodologia de trabalho em situações futuras. A hora e meia disponibilizada para cada sessão foi, efectivamente, muito pouco tempo para permitir uma



melhor exploração e reflexão sobre as problemáticas, bem como para a adaptação das metodologias às necessidades e especificidades de cada grupo de alunos. Verificámos que as nossas propostas tiveram uma adesão mais rápida e eficaz em grupos/turma que estavam já sensibilizados para a temática do *bullying*, pelo facto de a terem trabalhado, na escola, com os professores, funcionando a nossa intervenção como o culminar das restantes actividades, incitando a uma reflexão pela acção.

O recurso às técnicas do teatro social para a sensibilização de pequenos grupos de jovens continuou a ser usado por nós e, já em 2009, tivemos oportunidade de dinamizar acções de sensibilização sobre o *bullying*, em Viseu e Coimbra, com alunos do ensino secundário. Apesar das faixas etárias destes alunos indiciarem um menor risco de ocorrência de comportamentos de *bullying*, verificámos que todos identificaram situações sucedidas, com eles, ou com colegas, enquanto mais novos, mas também situações que se passam no presente. Discutimos, então, com estes alunos mais velhos, o papel das “testemunhas” de *bullying*, com intuito de criar reflexão sobre algumas acções concretas possíveis de encetar na escola, para evitar que situações de *bullying* surjam ou se repitam, enfatizando o papel que os alunos de níveis de ensino mais avançados podem ter junto dos mais novos.

Outra experiência que não podemos deixar de referir, embora o objectivo primordial não tenha sido a prevenção do *bullying*, foi a nossa colaboração com a Comissão de Protecção de Crianças e Jovens (CPCJ) de Arganil, através da dinamização de um *Curso de Prevenção e Educação para os Afectos - Desenvolvimento de competências relacionais e emocionais*. O curso foi dinamizado com dois grupos de jovens alunos, referenciados na CPCJ, em duas escolas diferentes e consistiu em quatro sessões, de 90 minutos, com cada grupo, no decorrer das quais, através de dinâmicas de grupo, jogo dramático e teatro imagem, trabalhámos aspectos como, auto-estima e auto-conceito, imagem corporal, identificação e expressão de emoções, empatia, competências de comunicação e de resolução de conflitos.

O contacto com os jovens durante um período mais longo permitiu uma maior proximidade destes com a equipa da APAV e com os psicólogos e professores envolvidos no projecto. A relação e dinâmica de grupo alcançadas foram muito positivas e geraram resultados observáveis ao longo das sessões, que nos foram transmitidos pelos professores e psicólogos que acompanharam o programa, nomeadamente, uma maior



coesão do grupo, respeito pelo outro e suas diferenças, melhoria da auto-estima e expressão de emoções e reflexão sobre resolução pacífica de conflitos.

Conclusões

A prevenção de comportamentos violentos começa quando nos dedicamos a encontrar e atacar as causas que motivam o seu desenvolvimento. Acreditamos que muitos dos comportamentos violentos são aprendidos através da observação e repetição de modelos e consolidados através de padrões sócio-culturais que desvalorizam determinados actos de violência e até os consideram normais. É o que sucede, por exemplo, com a violência contra as mulheres, mas, também, em certa medida, com o *bullying*. Não é invulgar ouvir progenitores ou responsáveis legais de crianças vítimas ou agressoras de *bullying*, bem como professores e outros profissionais ligados à educação, afirmar que é desta forma que as crianças se fazem “homens” e aprendem a defender-se numa sociedade hostil e competitiva, onde reina a lei do mais forte. Ignoram, desvalorizam ou recusam conhecer, porém, as intensas feridas emocionais que a violência e o *bullying* podem deixar numa criança ou jovem, o que poderá, em alguns casos, levar ao desenvolvimento de comportamentos de risco (delinquência, violência nas relações de intimidade, suicídio, comportamentos aditivos).

Além das necessária intervenção junto de crianças vítimas e agressoras de *bullying*, no sentido de evitar a continuidade e agravamento das agressões, importa encetar medidas de prevenção que visem reduzir a incidência de comportamentos de risco, promovendo a reflexão e aprendizagem acerca de métodos de resolução de conflitos não violentos, e, desta forma, tentar evitar as consequências que estas situações podem ter na vida da vítima e do agressor, quer no momento em que ocorre a situação de *bullying*, quer no futuro.

O esforço de prevenção deve envolver, como é defendido por vários autores, toda a comunidade escolar, sendo necessário o envolvimento de professores e todos os agentes educativos presentes na escola, mas também os pais e responsáveis legais das crianças, bem como outras estruturas presentes na comunidade (Instituições Particulares de Solidariedade Social, Autarquias, Centros de Saúde, Polícia de Segurança Pública - Escola Segura, etc.). As intervenções preventivas podem originar uma modificação da própria cultura organizacional da escola, como motor de confiança, respeito mútuo e



segurança para todos, alicerçando-se em princípios de justiça e defesa clara dos valores democráticos.

É já comumente aceite que os projectos de competências pessoais, sociais, emocionais e relacionais trazem benefícios quando introduzidos e aplicados desde os primeiros graus de ensino, propiciando aos alunos modelos alternativos de resolução de conflitos e ferramentas que lhes permitam um crescimento e desenvolvimento saudáveis. Também as disciplinas relacionadas com a arte e desporto, como geradores de libertação emocional, reforço da auto-estima, desenvolvimento da criatividade, empatia, conhecimento de si e do outro, são uma mais-valia para a prevenção de comportamentos de risco, sendo sobejamente conhecidos os resultados que este tipo de intervenções pode obter.

A experiência de intervenção junto de vítimas de crime e o conhecimento profundo das problemáticas relacionadas com a violência conferem à APAV um papel privilegiado no que concerne à sensibilização relativamente ao *bullying* e à prevenção de comportamentos de risco associados à violência.

Actualmente a APAV encontra-se a desenvolver o *Projecto APAV4D – prevenção integrada em contexto escolar*, que resulta da tradução e adaptação de um programa desenvolvido no Canadá, pela equipa do Dr. David Wolfe, e que está integrado num programa mais amplo da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (financiado no âmbito do Programa Operacional de Potencial Humano, Eixo 7 Igualdade de Género, Tipologia de Intervenção 7.3 Apoio Técnico e Financeiro às ONG). Consiste num programa curricular, para o 9º ano de escolaridade, de prevenção integrada e universal de comportamentos de risco e promoção de comportamentos saudáveis, cujo objectivo é reduzir o risco e não apenas eliminar comportamentos. A versão adaptada deste *curriculum* é composta por 28 sessões (mais sete do que a versão original) e mais uma unidade do que a versão original — (1) Relacionamentos Saudáveis, (2) Crescimento e sexualidade saudáveis, (3) Consumo e abuso de substâncias e (4) Igualdade de Género — que nas suas actividades dinâmicas procuram definir não apenas os comportamentos a evitar mas, fundamentalmente, orientar os jovens para comportamentos saudáveis, assegurando os meios para que estes possam ser colocados em prática, sobretudo através da aprendizagem e treino de competências de comunicação, de resolução de conflitos e de tomada de decisão. As dimensões centrais desta intervenção, são, como o



próprio nome do programa o indica, quatro: violência no namoro e entre pares, comportamentos sexuais, consumo de substâncias e questões de género.

Creemos que o futuro passa pela dinamização de projectos desta natureza, com metodologias inovadoras que respondam às necessidades e especificidades dos jovens e das problemáticas que se visam prevenir. Estes projectos devem surgir na escola e para a escola e podem envolver entidades exteriores à escola, como a APAV. Porém, o seu sucesso só será completo se for possível contar com o esforço, interesse e abertura de toda a comunidade educativa, com vista a um objectivo comum: uma escola sem violência, crianças e jovens mais saudáveis.

Referências Bibliográficas

- Almeida, A. T. (1995). Aspectos psicológicos da vitimação na escola: contributos para a identificação do problema. *Avaliação Psicológica: formas e contextos*, Braga: APPORT (3), (pp 525-540).
- Amado, J. (2005). Contextos e formas da violência escolar. *separata Revista Portuguesa de História, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social, t. XXXVII*, (pp 299 – 319).
- Boal, A. (2005). *Jogos para actores e não-actores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Courtney, R. (1980). *Jogo, Teatro e Pensamento*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Formosinho, M. D. & Simões, M. C. T. (2001). O bullying na escola: Prevalência, contextos e efeitos. *Revista Portuguesa de Pedagogia, ano 35(2)*, 65-82.
- González-Perez, J. & Pozo, M. J. C. (2007). *Educar para a não violência: perspectivas e estratégias de intervenção*. Mem Martins: K Editora.
- Kisiel, C., Blaustein, M., Spinazzola, J., Schmidt, C. S., Zucker, M., & van der Kolt, B. (2006). Evaluation of a theater-based youth violence prevention program for elementary school children, *Journal of School Violence*, vol. 5(2). Consultado em 29-2-2008 em <http://haworthpress.com/web/JSV>
- Koudela, I. D. (1984). *Jogos Teatrais*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- O'Toole, J. & Burton, B. (2002). Cycles of harmony: action research into the effects of drama on conflict management in schools. *Applied Theatre Researcher*, 3, Griffith University, Australia & IDEA. Consultado em 3-01-2009 em www.griffith.edu.au/centre/cpci/atr/journal/article1_number3.htm



- Pereira, B. O. (2002). *Para uma escola sem violência, Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a ciência e a tecnologia, Ministério da Ciência e da Tecnologia.
- Pereira, B., Mendonça, D., Neto, C., Valente, L. & Smith, P. K. (2004). Bullying in Portuguese schools, *School Psychology International*. Consultado em 21-11-2007 em <http://spi.sagepub.com>.
- Ramírez, F. C. (2001). *Condutas agressivas na idade escolar*. Amadora: McGraw Hill.
- School-based Violence Prevention Programs (s.d.). A resource manual, "preventing violence against girls and young woman". Consultado em 29-2-2008 em www.ucalgary.ca/resolve/violenceprevention/english/index.htm
- Seixas, S. R. (2005). Bullying: Incidência do fenómeno em alunos do 3º ciclo da zona da grande Lisboa. *Revista ESES*, 12, 69-80.
- Unesco (1998). "Culture of Peace", A/RES/52/13. Consultado em 26-11-2009 em www.unesco.org
- Unesco (1999). "Declaration and Program of Action on a Culture of Peace", A/RES/53/243. Consultado em 26-11-2009 em www.unesco.org